



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

CRISTIANE RODRIGUES DE ALMEIDA SILVA

**A CONDIÇÃO FEMININA REVISITADA EM *O LEGADO*. DE VIRGINIA WOLF E
EM *MADAME BOVARY*, DE GUSTAVE FLAUBERT**

GUARABIRA – PB

2013

CRISTIANE RODRIGUES DE ALMEIDA SILVA

**A CONDIÇÃO FEMININA REVISITADA EM *O LEGADO*, DE VIRGINIA WOLF E
EM *MADAME BOVARY*, DE GUSTAVE FLAUBERT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência do grau de licenciado em Letras.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Sueli Meira Liebig

GUARABIRA – PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S536c Silva, Cristiane Rodrigues de Almeida

A condição feminina revisitada em o legado de Virginia Woolf e em Madame Bovary de Gustave Flaubert / Cristiane Rodrigues de Almeida Silva. – Guarabira: UEPB, 2013.

28 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Dr^a. Sueli Meira Liebig.

1. Condição Feminina 2. Escrita Feminina 3. Patriarcado I. Título.

22.ed. CDD 340

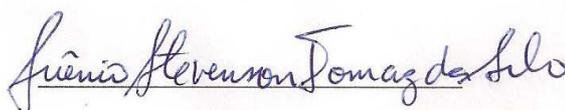
CRISTIANE RODRIGUES DE ALMEIDA SILVA

**A CONDIÇÃO FEMININA REVISITADA EM *O LEGADO* DE VIRGINIA
WOLF E EM *MADAME BOVARY* DE GUSTAVE FLAUBERT**

Aprovada em 28 / 08 / 2013

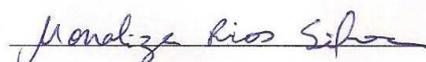

Profª Drª Sueli Meira Liebig / UEPB

Orientadora



Prof.Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva/ UFCG

Examinador



Profª Ms. Monaliza Rios Silva/ UEPB

Examinadora

Ao meu pai, Nivaldo Correia da Silva (in memoriam) por sempre ter acreditado em minha capacidade, sei que se ele estivesse aqui estaria orgulhoso e feliz nesse momento, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A **DEUS** pela oportunidade e por estar comigo em todos os momentos guiando os meus passos, dando sabedoria e protegendo de todo mal; a Ele **TODA HONRA E TODA GLÓRIA!**

A **minha mãe** essa mulher guerreira que me apoia sempre, agradeço pelo amor incondicional, pelos ensinamentos, pela dedicação e por ser minha melhor amiga. As minhas irmãs **Williane e Ana Rita** por todo carinho e compreensão.

Ao meu amado **esposo Daniel Berg** por seu apoio, companheirismo, paciência e compreensão.

A todos os **meus familiares** que direta ou indiretamente mim apoiaram e ajudaram nesta caminhada. **AMO TODOS VOCÊS!**

A todos **os meus colegas de classe** por esses 4 anos de convivência onde aprendemos muito uns com os outros.

Aos **professores** do Curso Licenciatura em Letras da UEPB pela paciência, incentivo e dedicação.

À professora orientadora, Dra. **Sueli Meira Liebig**, pela paciência, pelo acompanhamento, orientações, sugestões, críticas e, sobretudo, pela liberdade que me concedeu na elaboração dos textos aqui apresentados.

“O que é uma mulher? Eu lhes asseguro, eu não sei. Não acredito que vocês saibam. Não acredito que alguém possa saber até que ela tenha se expressado em todas as artes e profissões abertas à habilidade humana.”

Virginia Woolf

A CONDIÇÃO FEMININA REVISITADA EM *O LEGADO*, DE VIRGINIA WOLF E EM *MADAME BOVARY*, DE GUSTAVE FLAUBERT

SILVA, Cristiane Rodrigues de Almeida¹

RESUMO

Este trabalho faz um estudo da condição feminina no final do século XIX, tomando como base o conto *O Legado*, de Virginia Woolf e o romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, realizando uma análise comparatista da figura da mulher e de seu papel na sociedade daquela época. Nosso breve estudo procura evocar questões relativas ao lugar ocupado pela mulher na sociedade ao longo da história da humanidade, caracterizando um pouco o que poderia ser considerado como uma escrita feminina. E por fim, fazemos uma breve análise das duas obras, mais especificamente dos personagens principais dessas obras, que são mulheres que vivem os conflitos enfrentados em sua época, os anseios, suas necessidades em um período de mudanças e transformações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Condição Feminina. Escrita Feminina. Patriarcado.

-
- ¹ - Cristiane nasceu na cidade de João Pessoa, natural da cidade de Alagoinha – PB, casada, atualmente residindo na cidade de João Pessoa - PB. Estudante do curso de Letras Habilitação em Língua Inglesa na UEPB, CAMPUS III. No ano de 2010 concluiu o CCAA, lecionou inglês em várias escolas particulares e também públicas. Apresentou os trabalhos: Tupi or not Tupi, that is the question: uma análise lexical dos empréstimos lingüísticos na Língua Inglesa. (UEPB – 2006) e Shakespeare é Shakespeare: quem duvida? (UEPB – 2007).

ABSTRACT

This work examines the condition of women in the late nineteenth century, based on the short story *The Legacy*, by Virginia Woolf, and the novel *Madame Bovary* by Gustave Flaubert performing a comparative analysis of the figure of women and their role in the society of that time. Our brief study seeks to evoke questions on the place occupied by women in society throughout the history of mankind, characterizing what could be considered as female writing. Finally, we briefly analyze these two works, but specifically the main characters of each work: women who live the conflicts faced by them in their lifetime, their desires and needs in a period of social changes.

KEY-WORDS: Woman. Status of Women. Women writers. Patriarchy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. A CONDIÇÃO FEMININA.....	13
2. SEXO E GÊNERO.....	15
3. A ESCRITA FEMININA.....	17
4. ANÁLISE DO CORPUS.....	20
4.1. A morte como forma de escape.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	27

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade observa-se a transformação do homem em todos os aspectos, seu modo de vida, sua relação com o espaço em que se situa e sua evolução enquanto ser social e agente modificador deste espaço. Em qualquer área como na política, na cultura, na sociedade esses acontecimentos que marcaram épocas são perceptíveis. Assim, estudar essas mudanças é de suma importância para poder explicar como nossa sociedade organiza as razões de tais modificações e as suas influências em nossos dias.

Então, na literatura não poderia ser diferente: ela tanto reflete seu tempo mostrando aspectos característicos referentes a um momento específico, quanto pode não se prender a épocas, abordando assuntos inerentes ao ser humano e assim tornar-se clássica e sempre estar em todas as polêmicas, evoluindo à medida que atividade literária progride. Desde as primeiras organizações sociais verificamos a presença feminina sempre em condições inferiores se comparadas aos homens. Suas atividades eram voltadas ao lar, ao cuidado da casa e dos filhos; de forma que todo o universo feminino girava ao redor dessa esfera privada considerada como o lugar próprio delas, do doméstico, da subjetividade. Sendo a esfera pública exclusiva da presença masculina, espaço de homens dos iguais, do direito. “Por conseguinte as mulheres não podem ocupar cargos públicos.” (PERROT, 1988,p. 177). Segundo Nadilza Moreira,

Aos homens a sociedade reservava o espaço público e tudo aquilo que era e é dessa esfera; enquanto isso as mulheres estavam determinadas à esfera do privado e, conseqüentemente, a tudo o que concernia e concerne ao doméstico, à casa, ao lar (MOREIRA, 2003, p.30).

Para a maioria dos filósofos iluministas, constituíam-se como qualidades das mulheres a paixão e a imaginação, nunca o conceito. Elas não seriam capazes da invenção e, mesmo quando tinham a possibilidade de acesso à literatura e a determinadas ciências, estariam excluídas da genialidade. Nelas, portanto, a inferioridade da razão era um fato incontestável, bastando-lhes cultivá-la na medida necessária ao cumprimento de seus deveres naturais: obedecer ao marido, ser-lhe fiel, cuidar dos filhos, conforme vemos a seguir:

Nessa compreensão, o papel feminino tradicional estabelece a maternidade como principal atribuição das mulheres e, com isso também o cuidado da casa e dos filhos, tarefa de guardiã

do afeto e da moral da família. Ela é uma pessoa que deve sentir-se realizada em casa. O homem típico é considerado o provedor, isto é o que trabalha fora, traz o sustento da família, realiza-se fora de casa, no espaço público. (FARIA; NOBRE, 1997, p.11)

A sociedade estabelecia certas posturas que as mulheres deveriam seguir para serem consideradas “honestas e “decentes”“. Segundo a historiadora Michelle Perrot, a sociedade:

Ela cobre seu corpo segundo um código estrito que a cinge, espartilha-a, vela-a, enluva-a da cabeça ao pés. E é longa a lista dos lugares onde uma mulher “honesta” não poderia se mostrar sem se degradar.” (PERROT, 1988, p.200)

A mulher foi vítima dos mais diversos preconceitos em todos os cenários sociais, mas a partir da década de 1880 começam a ocorrer as reivindicações feministas, e elas começam a serem vistas e um pouco reconhecidas tanto na França quanto na Inglaterra. Em 1918, o movimento feminista estava no auge, tendo como bandeira de luta o direito igualitário entre homens e mulheres e o direito ao voto, a educação e ao trabalho. Graças a essas lutas é que se observa hoje uma nova realidade em relação ao passado: a mulher conquistou posições, cargos e lugares nunca antes imaginados de serem galgados por ela.

Nessa nossa pesquisa mostraremos a condição feminina na literatura do século XIX, analisando o conto *O Legado* de Virginia Woolf e no romance *Madame Bovary* de Gustave Flaubert. Partindo do viés comparatista, podemos identificar em suas obras características comuns, a exemplo dos temas. Ambas tratam da mulher na sociedade daquela época, do amor e da traição.

1. A CONDIÇÃO FEMININA

Então o Senhor Deus fez o homem cair em profundo sono e, enquanto este dormia, tirou-lhe uma das costelas, fechando o lugar com carne. Com a costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a levou até ele. Disse então o homem: “Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada.” (GENÊSIS, 2:21-23).

Desde o tempo mais remoto da história humana percebemos que a mulher era submissa ao homem e não podia se envolver nas questões sociais. Começando por analisar a Bíblia percebemos nos versículos acima que no simples fato de Deus tê-la feito da costela do homem já pode ser um indicativo da submissão feminina. Toda a Bíblia fala da submissão da mulher, temos exemplos de várias mulheres. Podemos citar também Maria, mãe de Jesus, em todo o tempo, ela foi um exemplo de mulher virtuosa, submissa, obediente, humilde, corajosa e cheia de amor. “Sua mãe disse aos empregados: Fazei tudo quanto ele vos disser” (João, 2:5).

Na pré-história a mulher tinha um enorme peso nas sociedades de todo o mundo, pois estas eram centradas nela por causa da fertilidade. A divisão nas sociedades primitivas ocorria entre os dois sexos, cabendo ao homem a caça e a pesca; e à mulher a colheita de frutos e mais tarde a dedicação à agricultura.

Em seguida, no Egito, a mulher tinha um estatuto privilegiado em relação a outras civilizações antigas, pelo fato de haver igualdade entre os sexos, sendo comum atribuir a filiação paterna e materna. Quando a mulher atingia a maioridade tinha a possibilidade de escolher o marido mediante o consentimento materno. As mulheres tinham que se dedicar exclusivamente ao marido e ao lar, podendo também ceifar o trigo e preparar a farinha e o pão, enquanto as mulheres mais pobres trabalhavam em grandes obras de construções públicas.

Na Grécia, a mulher não tinha acesso ao saber. Era desvalorizada em tudo, inclusive na beleza, era vista apenas como receptora da semente masculina. No século XIV até meados do século XVIII ocorreu uma repressão ao sexo feminino chamada de “caça às bruxas”, em que muitas mulheres foram queimadas na fogueira por toda a Europa. Isto porque as camponesas tinham um enorme poder de conhecimento das ervas curadoras, competindo com o poderio dos médicos, que começavam a aparecer.

Em Roma, elas foram excluídas das funções públicas. Tendo suas relações limitadas ao “domus” (casa); eram submetidas ao poder do homem dentro da família, já que esta era sempre governada pelo pai, marido ou o sogro.

Nessa época, até o século X, a composição familiar é definida por pesquisadores como uma ampla rede de ligações, englobando filiações biológicas e alianças, não só na

aristocracia feudal, como nas camadas mais simples. O parentesco era definido em linha horizontal - parentes consanguíneos e parentes por aliança até duas ou três gerações. Tendo sofrido transformações, entre os séculos X e XI, o parentesco foi substituído e passou a ser definido em linha vertical - a linhagem, em que as relações eram ordenadas por uma descendência direta.

Nesse tipo de ordenamento familiar, as mulheres eram totalmente excluídas da sucessão de bens. Quando filhas, não tinham direito à herança e quando viúvas, manteriam a posse apenas dos bens doados pelo pai quando do matrimônio e daqueles doados pelo marido, na mesma ocasião, como contradote.

Historicamente, a mulher sempre assumiu um papel submisso, assumindo o segundo lugar no espaço social que ocupasse. Essa forma de tratamento dado à mulher pode ser encarados como uma grande ferida social. "Na Inglaterra da década de 1880, os maridos foram legalmente proibidos de encarcerar suas mulheres quando elas se negavam a praticar relações sexuais, bem como foram restringidos em seu patriarcal direito de violência física." (ZACARIAS, 2006, p.56)

Com a Revolução Francesa temos um pouco de mudança na condição feminina porque além de haver uma reforma em toda a França, passa-se a questionar o papel e os direitos da mulher. É através do período revolucionário que as mulheres começam a perceber que não precisavam ser submissas aos homens, começaram a ver que são seres humanos completos, tais como seus pais e maridos.

No Brasil, também conquistaram direitos sobre o estado civil e o divórcio (1792) e se estabeleceram os mesmos direitos de autoridade paternal para o pai e para a mãe (1793). A conquista desses direitos representa a abertura da visão machista em prol dos direitos da mulher. Mesmo na atualidade, em que se diz ter a mulher alcançado seu lugar ao lado do homem, tanto na sociedade, quanto no mercado de trabalho, pode-se observar que ainda há uma distância entre a teoria e a prática, no tocante a sua profissionalização, por exemplo; ela não aparece como sendo um ser profissional, como ocorre com os homens, ela é vista como alguém do espaço privado, uma pessoa da família, como vemos em: "A professora, na maioria das vezes, é tratada como segunda mãe ou tia. Isso significa não reconhecer sua profissionalização e considerar o ato de educar como extensão do papel de mãe"(FARIA; NOBRES, 1997,p.22).

Diante desse paradoxo surge a necessidade de questionamento no tocante ao papel que a mulher representa para o mundo hoje, sabendo que a imagem que se acostuma passar é

a da mulher “alforriada”, “independente” e “autônoma”, como se enfim tivesse se libertado do domínio masculino.

Afinal, hoje em dia a mulher não precisa estar questionando seu papel na sociedade. Mesmo ainda dependendo da figura masculina em alguns casos, ela pode ser mãe e também pode trabalhar fora, ingressar na faculdade, escolher seu marido. Assim, podemos concluir que somente a conscientização da mulher sobre sua situação e a importância que tem seu papel na sociedade pode lhe dar a tal liberdade.

2. SEXO E GÊNERO

Na época da Revolução Francesa tivemos a igualdade como um princípio geral, uma promessa de que todos os indivíduos seriam considerados os mesmos para terem o propósito de participar da política e da representação legal. Porém, percebemos que essa realidade só ficou no papel e que as diferenças entre homens no nascimento, de posição ou de *status* social não foram levadas em consideração naquele momento, mas diferenças de riqueza, cor e gênero, sim. Scott observa que

É interessante notar aqui que nesses argumentos a igualdade pertence a indivíduos e a exclusão a grupos, era pelo fato de pertencer a uma categoria de pessoas com características específicas que as mulheres não eram consideradas iguais aos homens. (SCOTT, 2005, p. 17)

A partir de então vemos que a mulher não é igual ao homem apenas pela diferença de sexo/gênero, temos aqui uma “diferença sexual” que foi estabelecida não só como fato natural, mas também como base para uma diferenciação nos direitos políticos e sociais.

Mas, o que seria o gênero e o sexo? Entendemos que o termo “gênero” e “sexo”, na sua acepção gramatical, designam indivíduos de sexos diferentes (masculino/feminino). Porém na literatura feminista esses termos vêm sendo usados nas últimas décadas diferentemente em que o gênero enfatiza a noção de cultura, situa-se na esfera social. Vi que o “sexo” se situa no plano biológico e assume um caráter intrinsecamente relacional do feminino e do masculino. Como afirma de Beauvoir *apud* BUTLER (1987, p.139) “o gênero é desalojado do sexo; a interpretação dos atributos sexuais é distinguida da facticidade ou simples existência desses atributos.”

O conceito de gênero como culturalmente construído, distinto do de sexo, como naturalmente adquirido, formaram o par sobre o qual as teorias feministas inicialmente se basearam para defender perspectivas "desnaturalizadoras" sob as quais se davam, no senso comum, a associação do feminino com fragilidade ou submissão, e que até hoje servem para justificar preconceitos.

Segundo Beauvoir, o corpo não é um fenômeno estático ou idêntico a si mesmo, mas um modo de intencionalidade, uma força direcional e modo de desejar. Assim, seguindo essa mudança do corpo, nós também poderíamos trocar o nosso gênero. Mas podemos observar que o gênero não é algo originado de repente e em qualquer tempo, pois é um construto que depois tornará uma forma definitiva.

Wittig discorda de Beauvoir *apud* BUTLER (1987, p. 146) ao afirmar que “O que distingue os sexos são aqueles aspectos anatômicos que, ou dizem respeito diretamente à reprodução, ou são construídos para ajudar no seu sucesso final”. (BUTLER, 1987, p. 146). Portanto, qualquer outra transformação que o corpo de uma mulher viesse a sofrer não se teria uma definição de sexo ou gênero, até porque teria que estar numa relação binária com um homem, como seria no caso das lésbicas. E assim ela afirma que este “é o único conceito que eu conheço que está além da categoria de sexo”.

E assim, as discussões em torno da diferença sexo/ gênero tornam-se polêmicas nos movimentos feministas e chegam a um consenso do que seria a dualidade sexo/ gênero, como podemos ver na afirmação de Butler:

Nesses casos, o gênero não é constituído, mas considerado um aspecto essencial a vida corpórea, e chegamos muito perto da equação de biologia e destino, aquela combinação de fato e valor que Beauvoir passou a vida tentando refutar (BUTLER, 1987, p. 153).

Atualmente, a partir da leitura de Foucault, sabemos que as próprias ideias sobre o corpo mudam, não existe um corpo fora de um discurso sobre o corpo. Logo, ao se pensar sexo identificado com corpo, ele não deve ser pensado independente das leituras culturais de gênero. Daí, podemos dizer que ao afirmarmos que o sexo está para a biologia, assim como gênero está para cultura, estamos fazendo uma construção de gênero.

A perspectiva de gênero está dispersa nos símbolos, representações culturais, nas normas e doutrinas, nas instituições e organizações sociais, nas identidades subjetivas. Estes elementos operam juntos nas relações sociais, mas não são reflexos uns dos outros. Para Butler, o gênero seria um fenômeno inconstante e contextual, que não denotaria um ser

substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações cultural e historicamente convergentes. Nesta perspectiva não existe uma identidade de gênero por trás das expressões de gênero, uma vez que a identidade é performaticamente constituída.

Do ponto de vista da teoria psicanalítica, que é a objeção mais aguda da identidade e na aquisição de gênero, temos que aquilo que nos tornamos é sempre em certo sentido o que sempre fomos ou queríamos ser, mas não tivemos espaço para fazê-lo ou expressar. Segundo Judith Butler,

Mulheres é, pois, um falso substantivo e significante unívoco que disfarça e prejudica uma experiência de gênero inteiramente variada e contraditória (BUTLER, 1987, p. 153).

Dentro desse contexto podemos considerar a “crise da modernidade” como a destruição das bases masculinistas, reivindicando femininamente para transformar as coordenadas da diferença sexual, buscando transformar as relações de poder e gênero/sexo que constroem a desigualdade social e sexual da diferença masculino/feminino de toda uma economia discursiva de simbologia. Como vemos na citação abaixo,

Não resta dúvida de que o feminismo fez bem em romper com a univocidade do pertencimento de gênero, para abrir o eu sexuado a deslizamentos e fissurações, capazes de torná-lo internamente múltiplo e contraditório; essa abertura também faz com que o eu-mulher se conecte transversalmente com os diversos processos de subjetivação, que realização aqueles “outros inadequados” (RICHARD, 2002, p.161).

3. A ESCRITA FEMININA

A escrita “feminina” naturalmente pode ser produzida por homens tanto quanto por mulheres. É uma estrutura literária que fala sobre a mulher dentro do contexto social da época. Para Lúcia Castello Branco, “esse relativo às mulheres não deva ser entendido como produzido por mulheres” (CASTELLO BRANCO, 1991, p.12). Segundo coloca Funck

(1994), a crítica literária francesa acreditava na existência de uma escrita feminina produzida tanto por homens quanto por mulheres.

Por isso faremos, logo nesse primeiro momento a distinção entre o que os muitos teóricos entendem por escrita feminina como uma escrita que traz marcas do feminismo, podendo ser escrita por homens e mulheres. Já a expressão “autoria feminina” caracteriza uma escrita produzida por mulheres.

Em relação às questões de escrita literária de autoria feminina, Xavier (1994) diz que a narrativa produzida por mulheres, em sua maioria, traz a marca do sexo de suas autoras, pois elas apresentam em suas obras conflitos inerentes à condição feminina.

A escritora americana Elaine Showalter (*apud* Xavier, 1994), assegura que a literatura feminina apresenta três fases principais: a primeira ela denomina de *feminine* (feminino), quando há um prolongamento da tradição dominante, uma internalização dos valores e padrões vigentes; a segunda de *feminist* (feminista), é marcada por protestos – protestos contra os valores e padrões vigentes e a defesa dos direitos e dos valores das minorias; e a terceira fase é chamada de *female* (fêmea), vista como a fase da autodescoberta feminina da busca de identidade própria. Portanto, essas três etapas não são categorias rígidas, afinal podem se sobrepor e estarem todas presentes em uma única escritora.

A escrita feminina tem uma preferência pelo gênero literário memorialístico ou autobiográfico que se deve ao profundo conhecimento do universo do lar e do eu, próprios à criação de um escrita intimista. Seria complicado para uma mulher escrever textos épicos porque não ia às guerras, escrever textos políticos já que não podia participar das reuniões e dos movimentos políticos, sendo a sua escrita explicada assim por uma leitura de cunho sociológico. Como afirma Castello Branco,

É claro que os temas também eram, em geral diferentes: as autoras falavam muito da maternidade, do próprio corpo, da casa e da infância e quase nada ou (nunca) dos negócios, da vida urbana, das guerras, do mundo exterior ao eu (CASTELLO BRANCO, 1991, p. 14).

Segundo a autora, essa característica perceptiva na escrita feminina é uma “dicção” expressa por vários autores, sejam eles homens ou mulheres e que também foi percebida em algumas obras de homens, como por exemplo Guimarães Rosa, James Joyce, Gustave Flaubert, dentre outros, que em certos momentos escreviam, nessa “dicção”, deixando-se levar pela magia e pelo excesso da linguagem, percebendo neste tipo de discurso uma certa

voz de mulher, um certo olhar de mulher. Onde o leitor irá perceber “o som das palavras, a textura da voz, os contornos do ritmo, os movimentos respiratórios do texto” (CASTELLO BRANCO, 1991, p.21), características essas que ela considera que são encontradas na escrita feminina.

Para Lúcia Castello Branco essa escrita feminina pode ser dividida em duas modalidades: a primeira denominada de *memória tradicional* ou *oficial* – é o texto que crê na memória enquanto fidelidade à experiência vivida e que seduz o leitor com a promessa de resgate desse vivido, desse passado perdido; e a segunda modalidade ela denomina de *desmemória* – que é aquela que exhibe a perda e a lacuna e que faz disso a matéria discursiva, é neste tipo de escrita que se vê com maior nitidez os esquecimentos, os lapsos, e o caráter de invenção e de criação.

Dentro dessas modalidades temos dois autores cujas escritas são consideradas de autoria feminina: um do sexo feminino, que é Virginia Woolf e um do sexo masculino, que é Gustave Flaubert.

A escrita de Virginia Woolf nos permite visualizar com clareza a desmemória, marcada pela morte. A escritora oferecendo em sua obra mais dúvidas que certezas, mais questionamentos que respostas; é tanto que os críticos de suas obras fazem referência ao caráter mexeriqueiro da autora. Na citação abaixo a própria Virginia enfatiza o seu estilo de escrita:

Aliás, é a própria autora quem define sua escrita como “espasmódica”, e que afirma, em seus diários, estar em busca de um texto tão veloz quanto o pensamento, um texto que possa pegar os “pensamentos quentes & imprevistos à medida que surgem na mente”(CASTELLO BRANCO, 1991, p.44).

Na escrita feminina de Gustave Flaubert, podemos perceber as duas modalidades citadas acima: a *desmemória*, também caracterizada pela morte, pela perda, e a *memória tradicional*, caracterizada pelas experiências narradas na época da burguesia vivida pela sociedade francesa. É uma escrita feminina por se tratar de um romance, por falar especificamente de uma mulher. Gustave Flaubert foi muito criticado por escrever *Madame Bovary* e até foi julgado. No seu julgamento um fato que nos chama muita atenção é que ao perguntarem qual teria sido o modelo, tal a veracidade da personagem, tal as qualidades que ele dá a esta mulher. A sua resposta foi bastante histórica: “Madame Bovary sou eu”.

4. ANÁLISE DO *CORPUS*

Analisando a escrita de Virginia Woolf e a de Gustave Flaubert sob um viés comparatista, podemos identificar em suas obras características comuns, a exemplo do tema. Ambos tratam da mulher, do amor, da traição e também criticam a sociedade da época. O conto “O Legado”, de Woolf(2009), é iniciado pelo personagem Gilbert Clandon que está com um broche que pertencera a sua esposa Angela, recentemente falecida e que o deixara com amor para a sua secretária Sissy Miller. Para Gilbert ela deixa o seu diário: “Quinze pequenos volumes, encadernados em couro verde, enfileiravam-se em sua escrivaninha por trás dele. Desde que se casaram, ela manteve um diário.”(WOOLF, 2009,p. 411-2).

É interessante observar que os diários são características das mulheres que viviam naquela época por não terem o direito de voz, por não poderem expor seus sentimentos, suas ideias, elas escreviam tudo em um diário e Angela desde que casou tinha esse costume. Para ela, esses diários eram tão importantes, que em algumas vezes eles foram motivos de desentendimentos porque, às vezes, Gilbert insistia em saber o que ela estava escrevendo. Porém, naqueles diários ela escrevia os seus segredos mais íntimos de mulher, seus sentimentos e suas confissões da vida de casada. E assim ela nunca deixou que ele os lesse: “Quando ele entrava e a encontrava escrevendo, ela sempre o fechava ou encobria com a mão. ‘Não, não, não’, podia ouvi-la ainda a dizer. ‘Depois que eu morrer – talvez’.” (WOOLF, 2009, p.412).

Sua família, composta apenas por ele e por Angela deveria corresponder ao modelo de “família ideal” exigido pelo padrão e também pela posição importante de homem público que o mesmo exercia. Angela vivia cercada de conforto e não lhe faltava nada, aparentemente: tinha o amor do esposo, uma boa casa, dinheiro e *status* dentro do meio social em que se situava. Cumpriu seu papel de esposa sempre ao lado do seu esposo nos eventos políticos: “Pois Angela tinha sua cota das obrigações inerentes à condição de esposa de um destacado político. Fora ela quem mais lhe ajudara na carreira” (WOOLF, 2009, p.415). Eles se amavam e eram felizes. No começo do casamento, Angela era feliz e tinha orgulho do seu marido, assim como ele a admirava: “Como me sinto orgulhosa de ser sua esposa!” E ele sempre sentira muito orgulho dela. (...) e dizia a si mesmo: Não há aqui outra mulher tão bela!”(WOOLF, 2009, p. 414). Mas com o passar dos anos Gilbert, ficou cada vez mais

atarefado e não tinha tempo de corresponder aos anseios de sua esposa, ou ao menos de ter uma boa conversa e começara a distanciar-se.

Outro fato relevante é que o casal não tinha filhos, aumentando ainda mais o sentimento de solidão de Angela e deixando-a triste: “E ela, é claro, foi ficando cada vez mais sozinha, visivelmente muito pesarosa por não terem tido filhos. ‘Como eu gostaria’, diz uma passagem, que ‘Gilbert tivesse um filho!’”(WOOLF, 2009, p.415).

Portanto, privada do amor de uma criança que ela tanto almejava, que é algo de grande importância para a natureza feminina, Angela foi se entristecendo interiormente, mas sem comunicar nada a seu esposo; relatando o fato apenas em seus diários.

Podemos analisar a relação marido/mulher e como esta foi importante para o desfecho do conto. Angela era amada por Gilbert, eles viviam uma relação aparentemente harmoniosa, sem brigas e marcada por bons momentos, sempre viajavam juntos: “Tinham viajado a Veneza. Ele rememorou aquelas férias após a eleição. ‘Tomamos sorvete no Florian’. Ele sorriu – ela era ainda tão criança, adorava sorvete (WOOLF, 2009, p.415).

Ele parecia ser um “bom” esposo, fazia de tudo para agradá-la, porém seu trabalho e sua vida política não lhe permitiam que tivesse tempo suficiente para dedicar-se a ela, conversar sobre suas atividades, saber seus pensamentos, compartilhar suas intimidades e por este motivo tais demonstrações de afeto foram ficando cada vez mais distantes da vida do casal. Já nem viajavam mais como antes, de forma que ela foi sentindo cada vez mais forte a ausência do seu marido. Este fato pode ser confirmado quando ela pensa em pedir permissão para trabalhar no East Side: “Como eu sou covarde! Deixei escapular a oportunidade de novo. Mas, parece egoísmo incomodá-lo com meus próprios problemas, quando ele já tem tanto sobre o que pensar. E é tão raro passarmos uma noite juntos” (WOOLF, 2009, p.416).

Mesmo diante deste fato, Angela tinha na figura do esposo um ser digno de admiração e respeito, porém ela já não sentia que ele o amava da mesma forma e esse amor da parte dela talvez já não fosse mais correspondido. Como sabemos, admiração e respeito diferem do sentimento de amor entre homem e mulher, fêmea e macho – seres sexuais.

Ao continuar a análise do conto, podemos ver o declínio de uma relação sentimental e sexualmente desgastada e uma outra relação extraconjugal que vai se tornando forte. As coisas estão tomando um novo rumo! Angela vai se distanciando da casa, do lar e do cuidado com o marido. Ela descobre que é uma mulher ativa, inteligente e atuante, seu espaço deixa de ser o doméstico e passa ao público, assim ela sente que pode expressar suas ideias e sentir-se útil. O trabalho no East Side lhe abriu um novo horizonte: ela precisava de novas opiniões, de

debater alguns assuntos com outras pessoas, queria ajudar os outros e levou isso com seriedade:

Mas parecia também que ela havia tomado a coisa muito a sério. O diário estava cheio de referencias como esta: “Estive com *mrs. Jones*... ela tem dez filhos...O marido perdeu o braço num acidente...Fiz o que pude para arranjar um emprego para Lily. (WOOLF, 2009, p. 416)

Inserida nesse novo contexto de relacionar-se com o próximo na sociedade, Angela descobre, na presença do outro uma forma de preencher o vazio da solidão que a assolava. Como mulher ativa, sente-se agora livre para expressar suas opiniões, e como estas não eram ouvidas pelo esposo, B.M., o outro, era quem as ouvia: “Tive uma discussão calorosa sobre o socialismo com B.M.” (WOOLF 2009, p. 416). Suas saídas já não eram mais com Gilbert, seu esposo, e sim com B.M., como Gilbert pode ler em uma passagem de seu diário: “Fui com B.M à Torre de Londres... Ele disse que a revolução é inevitável... Disse que vivemos num paraíso de tolos” (WOOLF, 2009, p.417). E assim, Gilbert quer descobrir quem é B.M., pois fica claro para ele que sua esposa tem a companhia frequente de um homem, estranho ao conhecimento dele, porém marcante na vida dela.

No Romance *Madame Bovary*(1993) a história começa falando da infância de Carlos Bovary, do seu ingresso na faculdade e de seu casamento com a primeira esposa, uma viúva, mais velha que ele. É no segundo capítulo que começa a aparecer Ema, “uma moça, vestindo um merino azul guarnecido de folhos, apareceu à porta da casa, para receber Bovary.” (FLAUBERT, 1993, p. 15). Quando Bovary conhece Ema ele ainda é casado, mas não pode evitar se encantar por ela: “Carlos ficou admirado da alvura de suas unhas. Eram brilhantes, finas, mais brunidas que os marfins de Diepe, e cortadas em forma de amêndoas.” (FLAUBERT, 1993, p.18). Ao final do capítulo, é narrada a morte de sua primeira esposa, e é a partir daí que a história de Ema e Carlos realmente se inicia.

Ema morava no campo com o seu pai, onde tinha uma vida monótona. Assumiu o papel da mãe nas responsabilidades da casa e romanceava sua vida, através dos livros que lia. Surgiu em sua vida Carlos Bovary e ela viu nele a oportunidade de ser feliz, de fugir de sua monotonia, de viver os romances lidos nos livros.

No casamento, a decepção e uma nova crise a espreitam. O marido não satisfaz suas expectativas em nenhum aspecto. Carlos é um homem pacífico, bondoso, ingênuo, permissivo e ela esperava dele atitudes mais ousadas. Ema percebe que havia cometido um grande erro ao

casar-se: “Antes de casar, julgara sentir amor; mas, como a ventura resultante desse amor não aparecia, com certeza se enganara, pensava ela” (FLAUBERT, 1991, p.30).

Ela vai se decepcionando com a vida que leva, começa aos poucos a desprezá-lo, a reclamar das coisas e das pessoas, tornando-se aos poucos agressiva. Ela esperava ter a vida que lia nos romances e cada vez mais inconformada com a vida que tem, vê seus sonhos cada vez mais distantes. Ela almejava morar em Paris, dançar, participar das grandes festas e tudo isto estava longe do seu alcance. E assim, ela começa a viver um constante estado de opressão, onde as sonhadas diversões urbanas que ela imaginava nunca são concretizadas.

Ela engravida e desde o início despreza a filha por não fazer o enxoval que tanto sonha, por não amar Carlos de verdade e principalmente ao descobrir que é uma menina, pois ela quer um menino. “_ é uma menina”, disse Carlos. Ela virou a cabeça para o outro lado e desmaiou”(FLAUBERT, 1991, p.70). Ela sempre demonstrou que almejava um menino:

Desejava que fosse um menino; havia de ser forte e moreno e chamar-se-ia Jorge; esta ideia de ter um filho varão era como que a desforra, em esperança, de todas as suas impotências passadas. Um homem ao menos, é livre, pode percorrer as paixões e os países, saltar obstáculos e gozar dos prazeres mais raros. (FLAUBERT, 1991, p. 70)

Ela não queria ter uma filha para que a filha não enfrentasse o que ela estava passando: não pode ser livre, ter que ser rodeada de empecilhos, inerte e ter que viver nas dependências da lei.

Sua vida vai ficando cada vez mais monótona e ela começa a se arriscar em aventuras muito mais sérias. Começa a ter amantes e a se envolver saindo durante as noites, sem Carlos notar suas ausências, às vezes passando dias fora, sem se preocupar com a filha e também devido a esses amantes e ao luxo com que ela quer viver, não parando de comprar cada vez mais ela começa a contrair muitas dívidas.

Carlos, sempre bondoso para com ela, atendendo a todos os seus caprichos na ânsia de vê-la feliz e ela se aproveita da sua bondade, expondo-o ao vexame, sem dar a mínima para a reputação da família.

Cheia de dívidas, sem ter a quem recorrer, diante dos fracassos amorosos, da indiferença pela filha e do desprezo pelo marido, ela chega ao mais profundo inferno interior. Nesse contexto, viver para ela já não tem mais significado.

No conto de Woolf, Angela é uma mulher submissa que, mesmo apesar dos rumos que havia tomado o seu casamento não desonrara o marido e continuava a admirá-lo, não se sabendo ao certo se houve a traição. Já no romance de Flaubert ele faz um ataque à burguesia enfatizando a sua banalidade. Ema não é uma mulher submissa: tenta quebrar o tédio conjugal, ela desobedece a todas as regras da época, tem três amantes, e é um adúltera.

A intenção tanto de Virginia Woolf, quanto de Gustave Flaubert é de provocar reflexões a respeito da vida e da sociedade, recorrendo na maioria das vezes aos fatos sociais. Dessa forma, eles discutem, em seus textos, questões polêmicas e decisivas de sua época, exemplificando os assuntos triviais, bem como o existencialismo através dos sujeitos inventados.

Através das personagens criadas, percebemos como a realidade ambiente é bem definida e como a consciência individual flui. Ambos os escritores, através desses textos, dão voz aos problemas de sua época, mostrando uma sociedade que sofre as consequências da guerra, bem como abordam problemas de senso comum, como o cotidiano, as relações afetivas, os problemas econômicos e sociopolíticos, destacando a posição secundária do sexo feminino.

4.1. A morte como forma de escape

No conto “O Legado” há duas mortes como forma de escape: primeiro a morte B.M., irmão de Sissy Miller, que por não poder viver o seu amor com Angela desiste de viver. “Ele fez o que havia ameaçado” (WOOLF, 2009, p. 418). E segundo, a morte de Angela: ela faz isso como uma forma de escape, de fuga da realidade, de uma mulher em conflito consigo mesma, com o esposo, com a sociedade. Que por não poder assumir o amor da sua vida perde-o e assim não tem mais forças e nem prazer para viver. “Será que eu tenho coragem de fazer isso também?” (WOOLF, 2009, p. 418). Então ela premedita e calcula a sua morte. E assim, acontece a precoce morte da “boa esposa” de um renomado parlamentar. “Tinha pisado fora da calçada para reunir-se ao amante. Tinha pisado fora da calçada para escapar do marido” (WOOLF, 2009, p.419).

No romance *Madame Bovary*, Ema não sabe mais o que fazer da sua vida: endividada, sem ter quem a ajude, até os seus amantes a abandonaram. Com a ida do oficial de Justiça a sua casa pegar os moveis para penhorá-los ela também resolve morrer, como uma forma de fuga, de escape da realidade de uma vida que ela tanto almejava e nunca conseguiu alcançar por querer sempre mais e mais. Não sabendo o que dizer ao marido, ela resolve se suicidar:

A chave girou na fechadura e Ema foi direto à terceira prateleira, tal a justeza com que a memória a guiava, pegou no frasco azul, destapou-o, meteu-lhe dentro a mão, tirou um punhado de pó branco e pôs-se imediatamente a comê-lo. (FLAUBERT, 1993, p.234)

E assim ela morre lentamente. O marido, mesmo sendo médico, está impossibilitado de fazer alguma coisa para salvá-la, mas fica ao seu lado até o último suspiro.

Ainda podemos encontrar na literatura vários outros casos onde a morte figura como passaporte para outra realidade, onde os desejos, amores e sonhos têm concretude e onde os conflitos e desilusões, que geram as dores e sofrimentos terrenos têm fim. Foi depois da morte de Ema que Carlos descobriu sua infidelidade, pois um dia andando ele pelos aposentos da casa ao subir ao sótão achou uma carta de Rodolfo: “Desembrulhou-a e leu: Ânimo, Ema! Ânimo! Eu não quero fazer a desgraça da sua existência” (FLAUBERT, 1993, p.254).

Mesmo assim, ele ainda não quis acreditar e imaginou que eles houvessem vivido um amor platônico. Um dia ele resolveu abrir a escrivaninha da esposa e então lá ele encontrou as cartas de Léon. “Achavam-se ali todas as cartas de Léon. Já não podia duvidar, desta vez!”(FLAUBERT, 1993,p. 257).

Em ambas as obras a traição ou possível traição só é descoberta após a morte das duas mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da nossa pesquisa vimos como as mulheres vêm sofrendo preconceitos desde a antiguidade até os dias atuais. Elas vivem em uma busca constante, tentando conseguir o seu espaço e a sua liberdade em um meio social dominador machista. Pudemos ver que a escrita feminista não é uma escrita apenas de autoria feminina, mas que existem homens que também são autores de trabalhos de escrita feminina por falarem dos problemas que afligem as mulheres e possuírem as características típicas dessa escrita em suas obras.

Na análise comparatista das obras vimos que elas têm em comum os temas apresentados como mulher, amor e traição, mas que as histórias em si são um pouco diferentes. Queremos esclarecer que a leitura que fizemos destes aspectos não possui caráter definitivo, cabendo a leitores mais curiosos outras visões.

Enfim, não é fácil fazer a análise de um texto por mais simples que esse possa parecer, é preciso estar atento às sutilezas das palavras e mesmo quando estas não forem claras recorrer ao que “não se diz”, aquilo que está nas entrelinhas e que somente um estudo mais específico pode ajudar para uma melhor compreensão.

Concluimos este trabalho com o anseio de termos alcançado nossos objetivos, almejando despertar também o interesse dos leitores para o universo da literatura feminina.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. *A Bíblia Sagrada. Revista e Corrigida no Brasil*, Ed. 1995. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995. 1280p.

ARAÚJO, Maria de Fátima. *Diferença e Igualdade nas Relações de Gênero: Revisitando o Debate*. PSIC. CLIN., RIO DE JANEIRO, VOL.17, N.2, P.41 – 52, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652005000200004&script=sci_arttext>. Acessado em: 20/07/2013.

BRANCO, Lúcia Castello. *O que é Escrita Feminina*. Editora Brasiliense. São Paulo, 1991.

BUTLER, Judith. “Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault” In: BENHABIB, Seyla e CORNELL, Drucilla (coords.), *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987, pp. 139-154.

CAMARGO, Mônica Hermi de. *Versões do Feminino: Virginia Woolf e a Estética Feminista*, 2001. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-03072002.../tese.pdf>. Acessado em: 20/06/2013.

CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. “Teorias feministas: da ‘questão da mulher’ ao enfoque de gênero”. RBSE 8(24): 738-757, Dez2009. ISSN 1676-8965. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Conceicao_art.pdf>. Acessado em: 10/07/2013.

FARIA, Nalu & NOBRE, Miriam. *Gênero e Desigualdade*. São Paulo: SOF, 1997. Coleção de Cadernos Sempre Viva. p. 09-33.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Editora Nova Cultura, 1993.

FUNCK, Susana Bórneo. “Da Questão da Mulher à Questão do Gênero” In: FUNCK, Susana Bórneo (Org). *Trocando Ideias Sobre a Mulher e a Literatura*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.

GELINSKI, Rosana de Fátima. “A Identidade Feminina nas Obras de Virginia Woolf pelo Prisma de Bloomsbury” *Semana de Geografia*, 18., 2011. Geografias não mapeadas? Ponta Grossa: DEGEO/DAGLAS, 2011. ISSN 2176-6967. Disponível em: <<http://eventos.uepg.br/semanageo/anais/arquivo02.pdf>>. Acessado em: 28/06/2013.

MICHILES, Haroldo Cesar. “Sombra e Feminismo em Madame Bovary” , 2012. Disponível em: <<http://www.jung-rj.com.br/artigos/Ema-BovaryII-Haroldo-Michiles-Brs.pdf>>. Acessado em: 10/07/2013.

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. *A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin*. Editora Universitária – UFPB. João Pessoa, 2003.

NAVARRO, Márcia Hoppe. “Entre o acadêmico e o popular: os rumos do feminismo atual”. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(1): 296, janeiro-abril/2009. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38114360013>>. Acessado em: 20/06/2013.

PEDRO, Joana Maria. “Um diálogo sobre mulheres e história”. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200009>. Acessado em: 10/07/2013.

PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RICHARD, Nelly. *Interações Críticas: Arte, Cultura, Gênero e Política*. Monte Alto – Belo Horizonte. Editora UFMG, 2002.

SAYÃO, Deborah Thomé. “Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu” In: *Perspectiva Florianópolis*, v.21, n.01, p. 121-149, jan./jun.2003.

SCOTT, Joan W. “O enigma da igualdade” In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(1):216, Janeiro – abril/ 2005.

SILVA, Fabiana de Araújo & NASCIMENTO, Gizelda Ferreira do. *A Condição Feminina Representada na Literatura*, 2011. Disponível em:<<http://www.itaporanga.net/genero/3/02/14.pdf>>. Acessado em: 01/07/2013.

XAVIER, Elódia. “A Narrativa de Autoria Feminina: Ontem e Hoje” In: FUNCK, Susana Bornéo (Org). *Trocando Ideias Sobre a Mulher e a Literatura*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.

SOUZA, Lara Stefanie; CARDOSO, Patrícia Alves. “A Perspectiva Narrativa em “O Legado”, de Virginia Woolf” . *Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes*. Disponível em:<<http://www.mel.ileel.ufu.br/pet/amargem/amargem1/estudos/MARGEM1E42.pdf>>. Acessado em: 20/06/2013.

ZACARIAS, Gabriel Ferreira. “Orgulho e Desigualdade”, 2006. Disponível em:<www.historiaviva.com.br>. Acessado em: 20/ 08/2007.

WOOLF, Virginia. *Contos Completos*. São Paulo: Cosacnaify, 2009.

“A Mulher e a Revolução Francesa”. Disponível em :<http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/A_mulher_e_a_revolucao_francesa.pdf>. Acessado em: 01/07/2013.

“Madame Bovary : Uma Imagem da Mulher no Século XIX”. Disponível em:<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Lingua_Portuguesa/artigo/bovary1.pdf>. Acessado em:01/07/2013.